

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 30 de agosto de 2021 às 08h08
Seleção de Notícias

Estadão.com.br - Últimas notícias | BR

Direitos Autorais

Opinião: US\$ 500 mil por um NFT de uma rocha: a que ponto chegamos? 3

O Globo Online | BR

29 de agosto de 2021 | Propriedade Intelectual

Apenas 0,3% das vacinas contra a Covid-19 foram aplicadas nos países mais pobres do mundo . 5
MUNDO | ANDRÉ DUCHIADE

Negócios em Foco Online | RJ

27 de agosto de 2021 | ABPI | Luiz Edgard Montauray Pimenta

ABPI encerra seu 41º Congresso Internacional com mais de mil inscrições de 30 países de todos os continentes 8

Opinião: US\$ 500 mil por um NFT de uma rocha: a que ponto chegamos?

Já que os NFTs não são fungíveis, eles não passam realmente de meros artigos colecionáveis

(Jared Dillian*, WP Bloomberg Opinion) Algumas noites atrás, o empreendedor de criptomoedas Justin Sun anunciou no Twitter que havia pagado meio milhão de dólares pela foto de uma rocha com olhos de raio laser. Não era sequer uma foto boa de uma pedra. A imagem tinha pouco ou nenhum mérito artístico, como a maioria dos tokens não fungíveis, ou NFTs. Seja os cryptokitties originais, ou os pinguins que usam chapéus ou as rochas, tudo não passa de cafonagem on-line de criptocomunidades, uma grande piada interna que nenhum de nós deveria entender, exceto a descolada criptogalera.

Como consegui me juntar ao Penguin NFT Club

Os geeks que compram e vendem esses ativos fazem aumentar seu preço a alturas insustentáveis, enquanto o restante de nós apenas se resigna. Simplesmente não entendemos, dizem eles. Eu entendo sim, muito bem.

Primeiramente, os NFTs são uma inovação incrível, que poderá ser mais importante até do que as criptomoedas nas quais eles se baseiam. NFTs estabelecem direitos de propriedade na esfera digital, onde isso não existia antes. A lei americana de **direitos** autorais sustenta a chamada doutrina da primeira venda, segundo a qual é legal revender ou dispor, de outra maneira, de cópias físicas de trabalhos protegidos por **direitos** autorais, de acordo com Katya Fisher, em texto publicado no Cardozo Arts & Entertainment Law Journal.

Até agora, esse tipo de proteção não existia no universo digital, já que cópias digitais de uma obra de arte eram consideradas fungíveis e direitos de vendas digitais não poderiam existir em razão de sua fungibilidade. Se alguém compra uma pintura física,

compra apenas a pintura, não os direitos de reproduzir a pintura. NFTs operam em grande parte da mesma maneira.

Uma coisa interessante a respeito dos NFTs é que eles não estão sendo usados para esse propósito, pelo menos por enquanto. Estão sendo usados para especulações sobre a estupidez. Há artistas digitais legítimos David McLeod e Alberto Seveso vêm à mente cujos NFTs estão sendo negociados a valores bem abaixo dos pinguins e dos gatos em baixa resolução.

Damien Hirst acaba de vender um monte de NFTs de pinturas de pontos, que aumentaram quase dez vezes de valor, e Beeple vendeu seu mosaico digital Everydays: The First 5000 Days (Todos os dias: os primeiros 5000 dias) por US\$ 69 milhões, mas Hirst é o artista plástico mais famoso da atualidade, e tem havido muito debate a respeito da qualidade artística dos vulgares rabiscos cotidianos de Beeple.

Essa é uma das características desse aquecido mercado que me intrigaram ao longo do ano passado: os ativos de melhor desempenho têm sido as excrescências, ações como as da GameStop Corp. e da AMC Entertainment Holdings Inc., obrigações inúteis sem perspectivas de lucro real e os NFTs de 24 pixels. Em vez de esgotar a oferta dos melhores ativos, os especuladores estão comprando o que há de pior. A turma do WallStreetBets poderia comprar facilmente ações da Apple Inc., mas não comprou. Historiadores da economia analisarão este período com um misto de assombro e horror.

Já que os NFTs não são fungíveis, eles não passam realmente de meros artigos colecionáveis. Já houve algumas bolhas de artigos colecionáveis ao longo dos anos, com os Beanie Babies do fim dos anos 1990 provavelmente representando o exemplo mais famoso. A implosão dos Beanie Babies não surtiu efei-

Continuação: Opinião: US\$ 500 mil por um NFT de uma rocha: a que ponto chegamos?

tos sistêmicos, mas o que merece atenção a respeito do episódio foi que o fenômeno ocorreu em sincronia perfeita com a ascensão e queda das ações das empresas ponto.com. Bolhas de colecionáveis tendem a ocorrer em sincronia com bolhas de outros ativos, e colecionáveis físicos estão em alta agora, de livros de histórias em quadrinhos a artigos esportivos históricos e tênis.

Mas uma maneira que o mercado de colecionáveis físicos se difere dos NFTs é que a oferta de colecionáveis físicos é finita. Enquanto altos preços atraem novos investidores, novos NFTs são cunhados constantemente. Alguns dos assinantes da minha newsletter contaram-me histórias a respeito de seus filhos terem cunhado NFTs de US\$ 20 e chegar a vendê-los por US\$ 1 mil. Isso está se repetindo milhares de vezes em todo o país, à medida que adolescentes habilidosos com tecnologia tentam entrar no jogo.

Jens Parsson descreveu em *Dying of Money: Lessons of the Great German and American Inflations* (Morrendo pelo dinheiro: lições da inflação na Alemanha e nos EUA) como as atitudes em relação ao dinheiro mudaram na Alemanha da República de Weimar. Quando era fácil arrumar dinheiro, as pessoas se importaram menos em obter o real valor em troca, e a frugalidade passou a parecer in-

consequente. A característica financeira definidora de 2021 é dinheiro fácil e especulação desenfreada, assim como na Alemanha da década de 1920.

Quando as pessoas estão comprando desenhos toscos de rochas por US\$ 500 mil, em que ponto do ciclo estamos? Recentemente eu também gastei meio milhão de dólares em algo: uma propriedade de 36,4 mil metros quadrados próxima à praia, na Carolina do Sul. O que valerá mais daqui a 10 anos, a terra ou a imagem da rocha? Bem, a terra já dobrou de valor em seis meses e não precisei da blockchain para isso. /
TRADUÇÃO DE AUGUSTO CALIL

Esta coluna não reflete necessariamente a opinião do conselho editorial da Bloomberg LP, da empresa ou de seus donos.

Jared Dillian é editor e publisher de The Daily Dirtnap, estrategista de investimentos da Mauldin Economics e autor de Street Freak e All the Evil of This World (Todo mal que há nesse mundo).

Nossos editores indicam estes conteúdos para você investir cada vez melhorUnindo indústria da moda com criptomoedas, Vogue lança coleção de NFTConteúdo E-InvestidorCriptomoedasOpiniãoTecnologia

Apenas 0,3% das vacinas contra a Covid-19 foram aplicadas nos países mais pobres do mundo

MUNDO

Mais de 5 bilhões de doses de vacina contra a Covid-19, e cerca de um terço da população mundial recebeu ao menos uma dose até agora. De longe, os números podem impressionar, mas, quando esmiuçados, descobre-se que só 0,3% dessas doses foram administradas nos 27 países de renda mais baixa. Ao todo, pouco mais de 15 milhões de vacinas foram aplicadas nesse grupo, que concentra quase 650 milhões de pessoas isto é, menos de 2% da população das nações mais pobres tomou ao menos uma dose.

A desigualdade imensa enfurece o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, Tedros Adhanom Ghebreyesus, que há meses insiste em que a falta de acesso de dezenas de países a imunizantes constitui um vergonhoso fracasso internacional.

Na semana passada, Adhanom pediu uma moratória até o final de setembro para países que, como é o caso do Brasil, pretendem dar uma terceira dose aos seus cidadãos, antes que outros países tenham recebido vacinas para imunizar seus idosos e profissionais de saúde. Seu objetivo é que todos os países alcancem 10% de imunizados até o final do ano:

Enquanto centenas de milhões de pessoas ainda esperam pela primeira dose, alguns países ricos estão adotando doses de reforço disse. Precisamos da cooperação de todos, especialmente de um punhado de países e empresas que controlam a oferta global de vacinas.

Pressão sobre Pequim:

Ao justificar o pedido, Adhanom mencionou um ponto que é consenso entre epidemiologistas: enquanto só alguns se imunizam, todos correm riscos. O descontrole da pandemia em partes do mundo implica a existência de incubadoras de novas variantes, po-

tencialmente resistentes aos imunizantes atuais.

Além disso, a continuação da pandemia em amplas regiões do globo gera impactos econômicos devastadores. Segundo um relatório da Economist Intelligence Unit recém-divulgado, países que não conseguirem vacinar 60% de suas populações até o meio do ano que vem terão perdas acumuladas de US\$ 2,34 trilhões entre 2022 e 2025.

As preferências de compras dos países ricos, a insuficiência da produção global de vacinas, a falta de financiamento para expandi-la e doações aquém do necessário são citados como os principais motivos para a concentração vacinal. Especialistas apontam a expansão da produção, possivelmente com fornecimento via núcleos regionais, como a melhor estratégia para solucionar o problema.

Os erros da vacinação privada contra a Covid:

África esquecida

A África é, disparado, o continente com maior déficit vacinal. Dos 30 países que menos vacinaram no mundo, 26 estão na África. Dos 1,26 bilhão de africanos, só 4,7% tomaram pelo menos uma dose de vacina anti-Covid. Do total global de vacinas, só 1,6% foi administrado ali 93 milhões de doses, pouco mais da metade que o Brasil aplicou.

A diferença é tão grande que Ásia e Oceania, os continentes que menos vacinaram depois do africano, o fizeram numa proporção muito maior: em ambos, 34% das pessoas já tomaram ao menos uma dose. A América do Sul acelerou sua vacinação nos últimos meses, e, atualmente, pouco mais de 53% de seus habitantes já tomaram ao menos uma dose. O número já empata com o da América do Norte, embora ainda esteja abaixo dos 64% da União Europeia.

Continuação: Apenas 0,3% das vacinas contra a Covid-19 foram aplicadas nos países mais pobres do mundo

Retomada:

Há, também, uma enorme correspondência entre a renda dos países e o acesso a vacinas. Mais de 80% das doses foram para países de renda alta (como, por exemplo, os da Europa Ocidental) ou média alta (como o Brasil).

Vacinas estocadas

As compras antecipadas pelos países ricos, enquanto as vacinas ainda eram desenvolvidas, são uma das explicações para a desigualdade. Segundo uma estimativa do Instituto Brookings, de Washington, mesmo se vacinarem toda a sua população, os EUA terão um excesso de 1 bilhão de doses até o final do ano. O Reino Unido comprou doses para quatro vezes a sua população.

Faltam vacinas e recursos para aplicá-las:

Se fossem distribuídas igualmente, seriam necessárias 11 bilhões de doses para vacinar 70% da população global. De acordo com o Centro de Inovação em Saúde Global da Universidade Duke, a produção total prevista para até o final do ano é de 12 bilhões de doses. Dessas, no entanto, 9,9 bilhões já estão prometidas para países de renda alta e média alta.

Com isso, a iniciativa Covax, que deveria ajudar a distribuir vacinas para os países pobres, está atrasada. O consórcio prometeu entregar 2 bilhões de doses até o final de 2021, mas, até agora, entregou apenas 215 milhões globalmente. O ritmo vem acelerando até o começo de julho, a marca não chegava a 100 milhões mas continua insuficiente.

O Covax não foi inicialmente financiado, o que o deixou em uma posição difícil afirmou ao GLOBOMesfin Teklu Tessema, diretor de Saúde do International Rescue Committee, uma ONG humanitária. E, agora que o consórcio tem as doses prometidas, não há imunizantes disponíveis. Estão no fim da fila, em função da falta de compromisso financeiro anterior.

Atrapalhou a iniciativa, ainda, uma proibição das exportações que a Índia impôs em abril ao Instituto Serum, que deveria ser o principal fabricante da vacina da AstraZeneca. Na época, o país começou a sofrer com a variante Delta.

Produção local

Os países ricos têm aumentado suas promessas de doação. No contexto do encontro do G-7 na Inglaterra em junho, o presidente Joe Biden até o meio de 2022. Para este mesmo prazo, o Reino Unido prometeu 100 milhões, e França, Alemanha e Japão prometeram cerca de 30 milhões cada.

Os números, ainda assim, são insuficientes para a imunização global. As soluções para o impasse envolvem tanto uma redistribuição das doses existentes quanto um aumento da produção.

Há um excesso de vacinas, muitas estão paradas e vão vencer sem serem utilizadas afirmou Mosoka Fallah, fundador do Instituto Nacional de Saúde Pública da Libéria. Também é necessário apoiar as organizações internacionais para oferecerem as vacinas, e garantir a **transferência** de tecnologia para permitir a expansão da produção. O ideal é que a produção possa se dar localmente.

Há meses fala-se em uma suspensão dos direitos de **propriedade** intelectual das vacinas, o que poderia permitir a expansão da produção global, contanto que houvesse **transferência** de tecnologia. Em maio, o governo dos EUA anunciou apoio a essa suspensão, mas a iniciativa pouco caminhou desde então, enfrentando resistência de atores como a União Europeia, que alegam que a iniciativa inibirá a pesquisa e a **inovação** tecnológica e científica.

Covid-19:

O Banco Mundial concorda com a tese dos europeus, mas ao mesmo tempo sustenta que os governos ricos deveriam injetar bilhões de dólares para expandir a

Continuação: Apenas 0,3% das vacinas contra a Covid-19 foram aplicadas nos países mais pobres do mundo

produção global de vacinas. Em junho, em conjunto com a OMS, a OMC e o FMI, o banco pediu US\$ 50 bilhões cerca de 0,05% do PIB global para acelerar essa produção. O pedido, no entanto, não foi atendido.

Essa recusa em oferecer tão pouco deixa claro o derretimento do multilateralismo e da solidariedade internacional afirmou o coordenador do Centro de

Relações Internacionais em Saúde da Fiocruz, Paulo Buss. Isso não é só imoral, mas também epidemiologicamente condenável. O resultado será o surgimento de novas variantes.

ABPI encerra seu 41º Congresso Internacional com mais de mil inscrições de 30 países de todos os continentes

O 41º Congresso Internacional da Propriedade Intelectual da **ABPI** (Associação Brasileira da Propriedade Intelectual) chegou ao fim nesta quinta-feira, 26 de agosto de 2021. O evento deste ano, em formato virtual pela segunda vez consecutiva, teve quatro plenárias, oito painéis e vinte table topics durante seus quatro dias de duração, o que representou cerca de 50 horas de conteúdo com a participação de magistrados - como o Ministro do STF e Presidente do TSE, Luís Roberto Barroso -, membros do executivo - como o Ministro da Economia Paulo Guedes, que abriu o congresso -, advogados, representantes de empresas e de entidades do Brasil e do exterior para debaterem temas do amplo universo da Propriedade Intelectual.

A 41ª edição do congresso, considerado o maior do gênero na América Latina, teve 1.118 inscrições de 30 países, entre asiáticos, europeus, norte-americanos e sul-americanos. No total, o evento alcançou mais de 12 mil page views e foi citado em diversos veículos da grande mídia. Segundo **Luiz Edgard Montauray Pimenta**, presidente da **ABPI**, durante o evento "foram abordados debates de grande profundidade, que merecem ter continuidade", como os temas da quebra de patentes farmacêuticas, NFTs, PI e LGPD, a questão do backlog, entre outros.

Ao fim do evento, foi divulgado o nome do vencedor do 2º Prêmio Patente do Ano, promovido pela **ABPI**, com apoio do **INPI** (Instituto Nacional da Propriedade Intelectual), para invenções que contribuam para o desenvolvimento econômico sustentável. O prêmio foi conferido a Cargill, Incorporated (USA), e aos inventores Ricardo Chagas da Silva e Hélio Haruo Ushijima. Eles desenvolveram a patente de invenção PI 1104018-1, intitulada "Aditivo Anti-formação de poeira, processo para a fabricação do aditivo de poeira e

fertilizantes e método para reduzir a emissão de poeira na indústria de mineração". "O projeto se baseia no uso de subprodutos industriais para criar soluções de valor para outras indústrias", explicou Hélio Haruo Ushijima durante a sessão de entrega do prêmio.

De acordo com o presidente da **ABPI**, a expectativa é que o congresso de 2022 volte a ser realizado no formato presencial. "É importante para nós que o evento volte ao formato que ele sempre aconteceu", declarou Montauray Pimenta. "Porém, caso não seja possível, pensamos em realizar a próxima edição do congresso no formato híbrido".

A **ABPI**

A **ABPI** (Associação Brasileira da Propriedade Intelectual) é uma entidade sem fins lucrativos voltada para o estudo da Propriedade Intelectual, notadamente o direito da propriedade industrial, o **direito** autoral, o direito da concorrência, a **transferência** de tecnologia e outros ramos afins. Fundada em 16 de agosto de 1963, a **ABPI** congrega empresas, institutos de pesquisa, universidades, escritórios de advocacia e agentes de propriedade industrial do Brasil e do exterior

A **ABPI** promove conferências, congressos, seminários e edita publicações voltadas para divulgação da Propriedade intelectual e o aperfeiçoamento da legislação, doutrina e jurisprudência desse ramo do Direito. Com sede no Rio de Janeiro e escritório em São Paulo, a entidade mantém, permanentemente, 14 Comissões de Estudo, representações seccionais em oito estados, um Centro de Educação Continuada (CEDUC), um Centro de Solução de Disputas (CSD-**ABPI**) e um Comitê Empresarial.

Continuação: ABPI encerra seu 41º Congresso Internacional com mais de mil inscrições de 30 países de todos os continentes

A **ABPI** representa no Brasil, como grupo nacional, a AIPPI (Association Internationale pour la Protection de la Propriété Intellectuelle), a principal entidade mundial de consulta para estudo e promoção da Propriedade intelectual. Também atua como parceira da LIDC (Ligue Internationale du Droit de la

Concurrence) e do Global IP Network, que congrega as associações nacionais de PI das principais economias mundiais.

Mais informações: abpi.org.br

Índice remissivo de assuntos

Direitos Autorais

3, 8

Propriedade Intelectual

5

Inovação

5, 8

ABPI

8

Marco regulatório | INPI

8

ABPI | Luiz Edgard Montauray Pimenta

8